

A nova série da vencedora do prémio
MELHOR ROMANCE ERÓTICO 2014

J. KENNER

Seduzo-te

A escritora
sensual que
destronou
E L JAMES
e **SYLVIA DAY**

Neste jogo de sedução,
ele **dita as regras** e ela **obedece**.

**TOP
SEL
LER**

Certo e errado.

Bem e mal.

Preto e branco.

Estes são os parâmetros do mundo em que vivemos, e quem tentar dizer-nos o contrário, afirmando que nada é absoluto e há sempre diferentes tons de cinzento, ou é tolo ou tenta enganar-nos.

Pelo menos é aquilo em que eu costumava acreditar.

Mas isso foi antes de o conhecer. Antes de o olhar nos olhos. Antes de depositar nele a minha confiança.

Talvez eu seja tola. Talvez tenha perdido o equilíbrio e a acuidade mental.

Não sei.

Tudo o que sei é que, desde que o conheci, tudo mudou. Com um único olhar, temi estar metida em apuros.

Com um toque, soube que devia fugir.

Com um beijo, fiquei perdida.

Agora, a única questão é se encontrarei uma forma de voltar a ser quem era. E, mais importante, se quero fazê-lo.

Nunca nada é tão fácil como devia.

O meu pai ensinou-me isso. Foi agente especial do FBI durante mais de 20 anos antes de deixar esse cargo para se tornar chefe da polícia de Galveston, no Texas, uma comunidade insular com crimes suficientes para tornar a sua vida interessante e com um clima bastante soalheiro e cálido para o manter feliz.

Enquanto crescia, vi-o passar horas, dias, semanas ou até meses a construir um caso forte contra alguns dos criminosos mais vis que já caminharam à face da Terra. Milhares de horas de trabalho. Centenas de provas. Todas essas coisas estavam alinhadas como deviam... e não serviram para nada. A defesa argumentava algum pormenor técnico, o juiz cedia e, *zás!*, todo esse trabalho ia por água abaixo.

Como já disse, nunca nada é fácil. Esse é o primeiro cliché em que baseio a minha vida.

Nada é o que parece: este é o segundo, consequência do primeiro.

Isso ensinou-me o meu padrasto. Era um jovem jogador de basbol das ligas menos importantes que agradava à imprensa. Chamavam-lhe o menino de ouro, vaticinavam que levaria a sua equipa até à World Series e praticamente se ajoelhavam quando ele entrava numa sala. O que não relatavam era que ele batia na minha mãe.

Que me obrigava a assistir, ameaçando que a minha vez chegaria. As suas mãos, os seus punhos, uma garrafa de cerveja partida. O que tinha à mão. Eu estremecia a cada golpe, e quando os ossos dela cediam eu também o sentia, e os meus gritos misturavam-se com os dela numa assustadora e dissonante melodia.

Estranhamente, o jornal local nunca falou dessas visitas ao hospital e, nas raras ocasiões em que a polícia apareceu em nossa casa, não aconteceu nada. O Harvey Grier tinha cara de príncipe e sorriso de rei do baile de finalistas, e, se a sua enteada de 14 anos ligou para a polícia uma noite a contar uma história estúpida que poderia arruinar a sua reputação e malograr os seus contratos lucrativos, devia ser porque era a típica adolescente aborrecida. Mas não era porque vivia com o monstro todos os dias e via perfeitamente o que estava por baixo do seu disfarce de menino bonito.

O meu padrasto já morreu. No que me diz respeito, isso foi bom. O homem não serviu para nada, a não ser para incutir aquela segunda lição: há monstros escondidos sob a aparência mais inocente, e, se não mantemos a guarda levantada, eles mordem-nos. E com força.

Moral da história? Não tomar nada como garantido. E não confiar em ninguém.

Acho que isso faz de mim uma cínica. Mas também me torna uma excelente polícia.

Bebi um gole de champanhe e pensei no meu trabalho e naqueles dois axiomas quando me inclinei contra uma das colunas brancas adornadas do restaurante Palm Court do Hotel Drake. Não conhecia ali ninguém, especialmente porque era uma penetra na festa, e estava a fazer os possíveis por mimetizar aquela coluna e assim poder ficar a observar o mundo e as pessoas que passavam. Procurava um rosto em particular, porque tinha ido até ali com

um plano. E tencionava ficar no meu canto, a segurar a coluna, até ver o meu alvo.

Estava ali há uma hora e começava a pensar que tinha uma longa noite pela frente. No entanto, sobrevivera a vigilâncias piores e tinha determinação de sobra.

Já tinha estado antes no Palm Court, quando o meu pai ficara comigo um fim de semana e decidimos divertir-nos juntos. Mas naquela noite tinham retirado a maioria das mesas de jantar, de modo que os clientes tivessem espaço para circular em volta da elegante fonte e do enorme arranjo de flores. Pelo que podia ver, o traje recomendado naquela noite era qualquer coisa que tivesse sido apresentado durante a Semana da Moda, e o meu vestido (saído de uma loja de saldos) era a razão por que ninguém me apontava o dedo e se ria maliciosamente: era tão vulgar que me tornava invisível.

Compassos fluidos de música clássica, interpretados por uma orquestra situada no canto, enchiam o espaço, mas ninguém dançava. Em vez disso, as pessoas circulavam. Conversavam, riam-se. Era tudo muito formal. Muito elegante. Muito festivo.

E eu estava completamente fora do meu ambiente.

O meu habitat natural é o Indiana, onde me tornei uma espécie de celebridade por ser a mulher mais jovem a chegar a detetive no Departamento da Polícia Metropolitana de Indianápolis. Tinha vindo até Chicago porque estava a enlouquecer durante a minha baixa médica, e quando uma das minhas informadoras, a Candy, me pedira para localizar a sua ex-companheira de quarto, que tinha desaparecido, decidi investigar um pouco por minha conta e risco.

Segundo a Candy, a Amy trabalhara até há duas semanas como dançarina exótica num exclusivo clube de cavalheiros de Chicago chamado Destiny.

— Ela estava lá há quase um mês e recebia boas gorjetas. Até se dava bem com as outras raparigas. E tenho a certeza de que

andava a comer um dos proprietários. Portanto, não tinha razão para dar de frosques.

Eu acho que comer o chefe podia ser razão mais do que suficiente, em especial se fora o chefe a mandá-la dar de frosques.

— Sim, mas ela havia de me ter dito — retorquiu a Candy quando sugeri isso. — Ela podia arranjar outro trabalho ou até mudar de casa, mas ter-me-ia ligado assim que se tivesse instalado. Aconteceu alguma coisa.

Normalmente, não me preocuparia. Afinal, as dançarinas exóticas de 22 anos estavam sempre a mudar de casa e a desaparecer. Talvez tentassem apenas libertar-se da antiga vida. Ou talvez estivessem a seguir algum homem. A Amy estava sozinha desde os 15 anos e sabia cuidar de si mesma. Não consumia drogas, portanto, eu não esperava que estivesse espojada algures num antro de viciados em heroína. Além disso, eu sabia que ela fantasiava ver chegar o seu príncipe encantado a cavalo para a levar rumo ao pôr do sol, por isso talvez tivesse percebido que andar a comer o chefe não iria durar e partira para Nova Iorque, Las Vegas ou algum outro sítio com fartura de homens ricos e cheios de tesão.

Mas nada disso me convencia. A Candy estava grávida de mais de sete meses quando a Amy se mudara para Chicago, tendo-lhe prometido que voltaria carregada de presentes para o bebé e, mais importante, que estaria ao seu lado para o parto. Partindo do princípio de que o bebé nasceria na altura prevista, isso teria lugar dentro de pouco mais de duas semanas.

Eu esperava de todo o coração que ela estivesse apenas entretida com algum tipo e aparecesse a qualquer momento com histórias de noites de paixão e sexo selvagem. Mas eu trabalhava nos homicídios e fazia parte da minha natureza esperar o pior.

No trajeto de Indiana para Chicago tinha ligado a um amigo do Departamento de Polícia de Chicago que me confirmara que ela

não estava a descansar numa cela do condado de Cook. Fiquei algo aliviada por saber que ela ou estava a manter-se limpa ou a ser esparta, mas esperara secretamente que tivesse sido presa por furto em lojas e fosse demasiado orgulhosa para ligar à Candy a pedir-lhe que pagasse a caução.

Cheguei a Chicago pouco depois das 19h00 numa tarde de quarta-feira, e o Destiny foi a minha primeira paragem. O local era limpo e elegante, as bebidas eram razoáveis, as raparigas não tinham um ar estafado e pareciam contentes por ali estar, e a clientela era composta pelos profissionais do nível mais baixo. Tinha um bar bastante completo que incluía uma torneira de *Guinness* à pressão e uma ementa decente na qual constavam umas deliciosas batatas fritas com queijo.

Já tinha, sem dúvida, visto lugares piores e, quando me sentei ao balcão e analisei o espaço com olhos de polícia, não vi nada estranho.

Ali entrava o segundo cliché: ninguém é o que parece. Ou, neste caso, nenhum sítio é o que parece.

Descobri isso quando me encontrei com o agente Kevin Warner, um amigo do FBI, para tomar o pequeno-almoço na manhã seguinte e ele me apresentou uma lista pormenorizada de todos os esquemas que tinham lugar naquele clube. Soltou acusações às mãos-cheias. E, quando se referiu às que se relacionavam com a Lei Mann — prostituição, tráfico de mulheres e outros crimes graves —, prestei-lhe toda a atenção.

— Mais devagar, cowboy. Eles foram presos por essa merda?

— Conseguiram imunidade — respondeu o Kevin, furioso. — Ajudaram a desmantelar uma rede de tráfico de mulheres que operava na costa oeste e se estendia até à nossa bela cidade.

— Ajudaram?

— O Black, o August e o Sharp — esclareceu. Tinha nomeado os três proprietários do Destiny; três empresários famosos que

eram a sensação de Chicago. Eu nem sou de Chicago e sabia tudo sobre aqueles tipos, raios! — Aqueles três são uns espertalhões — continuou o Kevin. — E tão perigosos como tubarões em águas profundas. Agora escondem-se atrás da imunidade e isso acabou com a minha investigação.

Assenti. A imunidade fazia parte do jogo. A finalidade era proteger um suspeito de ser julgado. Se não havia culpa, essa proteção era realmente desnecessária. Por outras palavras, era raro encontrar um suspeito a quem tivesse sido concedida imunidade que não fosse corrupto.

Para ser franca, a ideia de conceder imunidade a um suspeito irritava-me, mas sabia que era um mal necessário. Além disso, imaginava que a justiça iria encontrar uma forma de prevalecer. Pelo menos era o que o meu pai dizia sempre quando um dos seus acusados argumentava com um pormenor técnico para fazer pouco da justiça.

O karma pode ser uma harpia cruel, e perguntei-me se estaria a arreganhar os dentes ao Black, ao August e ao Sharp. Seriam tão sujos como o Kevin dizia? Seriam apenas bons cidadãos que tinham partilhado os seus conhecimentos com a polícia federal? Ou estariam algures no meio?

Eu não sabia, mas percebia que as probabilidades oscilavam entre a primeira e a última hipótese.

— Até onde chega a imunidade? — perguntei.

— Se eu conseguir o que quero, eles vão desejar que fosse mais abrangente. Tenho a certeza de que estão metidos até ao pescoço em todo o tipo de merdas. Jogo ilegal, contrabando, lavagem de dinheiro. Suborno, fraude. Diz qualquer coisa e eles estão metidos nisso. Mas têm amigos poderosos, e não estou oficialmente autorizado a investigar mais.

Ouvi a frustração na sua voz. O Kevin queria apanhar aqueles tipos; queria apanhá-los a todo o custo. Eu percebia isso. Eram

muitas as razões por que me tornara polícia, mas no final tudo se reduzia a proteger os inocentes e a prender os maus da fita. Garantir que o sistema funcionava e que aqueles que pisavam a linha pagavam pela transgressão.

Eu vivia e respirava para o meu trabalho. Era a minha redenção e a minha salvação. E era muito boa no que fazia.

— Não posso insistir nisto — disse o Kevin. — Mas tu podes.

Ele tinha razão. A minha mente já estava a rever opções, a tentar encontrar a melhor forma de entrar no Destiny, de falar com as raparigas e de obter uma pista sobre a Amy. Assim que eu estivesse lá dentro a bisbilhotar para obter informações, não havia nenhuma razão para não poder bisbilhotar ainda mais.

Para dizer a verdade, seria um prazer para mim. Talvez a imundidade fosse um mal necessário no mundo de jurisprudência, mas eu estava mais do que disposta a dar um empurrãozinho ao karma. E, se descobrisse que aqueles tipos estavam metidos noutra esquema, acabar com eles seria uma excelente forma de equilibrar a balança da justiça.

Tudo isto explicava a forma como a minha missão de levar de volta para o Indiana uma dançarina desaparecida se tinha transformado numa operação clandestina, embora não oficialmente.

A dado momento posso ter considerado entrar no Destiny e anunciar corajosamente que andava à procura de uma amiga, mas, assim que soube que os proprietários podiam ser criminosos, esse plano foi por água abaixo. Desejava saber o que eles andavam a tramar, e, se as alegações de tráfico de mulheres fossem verdadeiras, queria fazê-los passar um mau bocado.

A minha questão era a operação ser clandestina. Devem pensar que seria fácil para uma mulher razoavelmente atraente — aqui a vossa amiga — conseguir trabalho como empregada de mesa num clube de cavalheiros em Chicago, mas estão errados. Apesar dos

seios bonitos, de um rabo firme e de um rosto atraente, a candidatura que eu entregara no dia anterior fora educadamente rejeitada. E isso apesar de eu ser, de facto, uma boa empregada de mesa.

Isto ilustra aquele primeiro cliché: nada é tão fácil como devia ser.

E isso leva-nos de volta ao segundo cliché: ninguém é o que parece.

Tomemos o Evan Black como exemplo. A festa onde eu estava era dele. Uma coisa formal para comemorar o seu noivado com a Angelina Raine, filha do senador Thomas Raine, aspirante à vice-presidência.

Vi o Black do outro lado da divisãõ; tão bonito como uma estrela de cinema, com o braço em volta de uma morena igualmente bela que tinha de ser a Angelina. Ela apoiava-se nele e parecia transbordar de felicidade enquanto falavam com outros dois casais. Todos muito elegantes e bem cuidados. Mas o Kevin tinha razão, o Black não era o homem que parecia ser.

E o que dizer do Cole August? Parceiro de negócios do Black, recebia bastante adulação da imprensa e do público porque tinha saído da lama, deixando para trás o seu legado do South Side de Chicago, e se tornara um dos homens mais respeitados e influentes da cidade. Estava, sem dúvida, deslumbrante enquanto passeava ao fundo da sala com o telemóvel encostado ao ouvido; a imagem viva do profissional bem-sucedido.

Mas acontece que sei que o August não tinha deixado para trás esse legado sombrio como gostava de fingir.

E depois havia o Tyler Sharp.

— Esse mesmo — dissera a Candy quando eu mencionara o seu nome. — A Amy estava caidinha por esse tipo.

— Ele sentia a mesma coisa?

— Não sei.

— Mas ela andava metida com ele?

— Sim. Pelo menos acho que sim. Quero dizer, não que tivesse metido fotografias no *Facebook*. De qualquer forma, não teria deixado o homem para trás, e pelo que estás a dizer...

Podíamos estar a falar ao telefone, mas eu conseguia imaginar a Candy a encolher os ombros enquanto deixava a frase a meio. Sabia o que ela queria dizer. Tinha feito trabalhos de casa extra sobre o Tyler Sharp e transmitira a maior parte da informação à Candy. Para resumir, ele tinha um fraco por mulheres, e eu tentava aproveitar a sua fama de mulherengo. Se não podia entrar no Destiny graças aos meus dotes estelares como empregada de mesa, conseguiria acesso através daquele homem.

Por outras palavras, planeava seduzi-lo.

Vendo bem, era uma abordagem melhor do que o meu primeiro plano. O trabalho de empregada de mesa só me dava acesso ao clube. Mas o sexo abria todos os tipos de portas. Conversas de cama. Acesso ao computador. Quem sabia quantas coisas mais. Se eu jogasse bem as minhas cartas, teria um camarote para o melhor espetáculo da cidade, quer fosse jogo, contrabando ou algo muito mais tenebroso.

E, se descobrisse que o Tyler envolvera a Amy nalguma taradice, iria castrar o filho da mãe.

Primeiro, tinha de encontrá-lo.

Ele estivera fora da cidade nas semanas anteriores, por isso ainda não o tinha visto em pessoa, embora tivesse a certeza de que o reconheceria assim que ele entrasse naquela sala. Como já disse, tinha feito os trabalhos de casa, e olhar para fotografias do Tyler Sharp não era propriamente desagradável. O homem era mesmo um bálsamo para os olhos.

Media pouco mais de 1,80 m, era atlético e tinha cabelo loiro-escuro com reflexos dourados no verão. Eu sabia que os seus interesses comerciais eram amplos, variados e nem sempre legais.

E sabia que ele tinha o cartão mais exclusivo da American Express. Era dono de pelo menos uma dezena de carros, mas raramente os conduzia, preferindo a sua moto *Ducati*.

— Parece perdida.

Eu estivera a olhar para a entrada, mas voltei bruscamente a cabeça para a esquerda e encontrei uma loira com olhos castanhos e pernas compridas, com cabelo tão abundante e brilhante que poderia fazer anúncios a champôs. Ela estendeu a mão e eu apertei-a, sem pensar duas vezes.

— Sou a Katrina Laron... Kat — disse ela, depois indicou a Angelina Raine com o polegar. — Sou a melhor amiga da noiva, o que faz de mim a pseudoanfitriã. E quem é você?

O seu sorriso era educado mas um pouco tenso, e tive a certeza de que ela sabia que eu era uma penetra.

Bestial.

— Sloane O'Dell — respondi, usando o nome de solteira da minha mãe e não o meu, Watson.

— Com quem veio? Acho que conheço todos os convidados do lado da Lina, por isso deve ser amiga do Evan, certo? — Novamente o sorriso educado. De novo o tom protetor.

— Na verdade, estou à procura do Tyler — expliquei, e senti-me orgulhosa da minha capacidade de dizer a verdade e mentir ao mesmo tempo.

— Ai sim? — Ela ergueu as sobrancelhas. — Amiga ou inimiga?

— Desculpe? — Mantive a expressão despreocupada e esperava que a minha pele naturalmente clara não se tivesse ruborizado.

— Acontece que sei que o Tyler não trouxe acompanhante, e se você não é convidada da Angie nem do Evan...

Foda-se, foda-se, foda-se!

— Decidi arriscar — respondi, optando mais uma vez por ser absolutamente sincera. — Acho que ele vai querer ver-me.

Certo, não tinha a certeza quanto a essa parte.

— Olhe, não quero ser desagradável, mas o Tyler é um homem muito reservado que atrai bastante atenção feminina. — A Katrina encolheu os ombros. — Quer dizer-me por que motivo acha que ele vai querer vê-la?

— Na verdade, não.

Ela fitou-me com dureza, sem dúvida a tirar-me as medidas. Então tirou um copo de vinho da bandeja de um empregado que passava e bebeu um gole.

— Muito bem. Vamos procurá-lo.

— Passei a noite a fazer exatamente isso — respondi com secura.

— Ele chegou pouco antes de eu vir ter consigo para indagar educadamente quais as suas intenções. Espere — disse ela, pondo-se em bicos dos pés e acenando para o outro lado da sala. — Estou a vê-lo.

Estiquei o pescoço, mas, como tinha menos uns dez centímetros do que a Kat, não fazia ideia se ela tinha conseguido atrair a atenção do Tyler.

O tempo arrastou-se, e eu começava já a pensar que ou ele não a tinha visto ou decidira ignorá-la, quando vi o reflexo do lado da luz a incidir no seu cabelo. Usava um fato cinzento, e o corte elegante e o tecido de qualidade contrastavam com o cabelo um pouco em desalinho que ele usava um tudo-nada demasiado comprido para um empresário. Tinha-o penteado de uma maneira que lhe realçava os ângulos acentuados das maçãs do rosto e do maxilar.

O contraste perfeito entre os olhos cor de cobalto e o cabelo loiro-escuro fazia pensar em sol e praia, em dias loucos e noites de pecado. Ele tinha um ar despreocupado, e a sua barba incipiente acentuava-o ainda mais. Os meus dedos contraíram-se e, para meu horror, dei por mim a desejar levantar a mão e acariciar-lhe o rosto, deixando que a sua aspereza alisasse as minhas arestas como uma lixa.

Ele contornou a fonte e atravessou a multidão com aquele tipo de confiança que vem de sabermos que as pessoas sairão da nossa frente porque somos mesmo muito bons.

— Tyler! — chamou a Kat de novo, e senti o impulso irracional de lhe cobrir a boca com a mão. Fora até ali para me aproximar daquele tipo, mas naquele momento não me sentia nada preparada.

Antes daquela noite, sabia que o Tyler Sharp se encontrava entre os melhores espécimes do sexo masculino, mas nunca teria antecipado a minha reação eletrizante e visceral a ele.

Quis esconder-me atrás da coluna. Quis desatar a correr. Quis encontrar um esconderijo até conseguir pôr as ideias em ordem e recuperar a compostura. Mas nada disso era possível. O Tyler tinha-nos visto e, embora cumprimentasse a Kat com um aceno de cabeça, fui eu quem chamou a sua atenção. Os seus olhos encontraram os meus, e o impacto desse olhar percorreu-me de uma forma que me deixou fraca e confusa. Eu nunca tinha visto o Tyler Sharp em pessoa, apenas em fotografias, e informara-me acerca dele através de artigos de jornal e de conversas com polícias. Mas naquele momento tive a impressão de que o conhecia desde sempre.

Não sabia se a sensação me agradava... ou talvez me agradasse demasiado.

Ele parou à nossa frente e disse a mim mesma que tinha de manter a compostura. Não sou o tipo de mulher que fica nervosa na presença de um homem bonito. Ou, pelo menos, não era até um par de minutos antes.

Enquanto me fitava, a sua boca sensual esboçou o sorriso típico de um homem prestes a provar alguma coisa deliciosa... e essa coisa era eu. Estremeci, pois o formigueiro que invadiu o meu corpo por causa do pensamento inesperado apanhou-me de surpresa, embora não pudesse negar que me agradava.

Foi preciso um grande esforço, mas endireitei os ombros e encontrei o seu olhar com serenidade, decidida a recuperar, pelo menos, um mínimo de controlo.

— A Sloane andava à tua procura — disse a Kat.

— Ai sim? — A atenção dele manteve-se fixa no meu rosto, e por um momento pensei que, se me aproximasse, iria afogar-me naqueles olhos líquidos. — Tem graça — respondeu ele. — Ela também é precisamente a mulher que procuro.

«**E**la também é precisamente a mulher que procuro.»
As palavras dele envolveram-me, tão sedutoras como uma carícia, e o controlo a que estivera a agarrar-me voou como um dente-de-leão recém-soprado.

No entanto, esse momento de fraqueza passou num ápice, afugentado por anos de formação policial e pelo cinismo, profundamente enraizado, com que eu tinha vivido desde a infância. O Tyler Sharp era um vigarista e um mulherengo, e só Deus sabia o que mais. Ele sabia como lisonjear as pessoas. Como seduzir. Como fazer uma mulher sentir-se especial e interessante e, sim, um pouco excitada. Mas era impossível ter andado mesmo à minha procura. Estivera várias semanas fora da cidade, e eu sabia que regressara naquela tarde. Portanto, não. Eu não estava no seu radar.

Disse a mim mesma que isso era uma coisa boa. Se o Tyler Sharp ia olhar para mim, eu queria que ele visse apenas o que eu estava disposta a revelar.

Como que em resposta aos meus pensamentos, ele baixou a cabeça e percorreu-me com um olhar avaliador, começando pelas unhas dos pés, recém-pintadas de cor-de-rosa, e subindo pelo meu corpo tão lentamente que tive de recorrer a todo o meu autodomínio para não começar a tremer. Quando os seus olhos chegaram de novo aos

meus, quase arqueei ao ver o fogo malandro sob aquele azul ártico. Uma chama selvagem e penetrante que tinha o poder de reduzir a cinzas o que me cobria e deixar-me nua, todos os meus segredos a descoberto para ele.

A ideia devia ter-me enfurecido. Pelo menos devia ter-me preocupado.

Em vez disso, excitou-me.

Não estás no teu elemento, Sloane. Sai daqui. Vai-te embora, concentra-te e começa a operação amanhã.

Um bom conselho, na verdade. E porque não seria? Afinal de contas, era uma ótima polícia.

Aparentemente também era uma tola, porque não tencionava sair dali. Não tinha a certeza se ficava pela missão ou pelo homem, mas disse a mim mesma que não importava, que a emoção de prazer sensual que sentia na parte inferior do ventre não era uma fraqueza, mas uma vantagem. Afinal de contas, tratava-se de uma sedução. Um pouco de atração entre nós tornaria o trabalho mais fácil. E, se a atração fosse enorme, então o trabalho seria mais divertido.

Mesmo assim, devia agradecer ao Tyler Sharp ou às minhas hormonas. Porque a minha reação a ele lembrou-me de que precisava de ter cuidado. O Tyler Sharp era perigoso, e, embora talvez ele ainda não soubesse, estávamos ambos a travar uma batalha feroz. Uma batalha que eu pretendia ganhar... mesmo que isso significasse ter de jogar sujo.

A Kat, ainda ao meu lado, transferiu o peso de um pé para o outro. O movimento chamou-me a atenção, e virei-me para a ver observar o Tyler.

Ele fez-lhe um gesto com a cabeça quase impercetível e ela aclarou a garganta.

— Hum, sim, bem, vou procurar a Lina e o Evan e dar-lhes outro abraço. Tenho de cumprir os meus deveres de pseudoanfitriã.

Talvez descubra ainda a cura para o cancro e resolva o problema da paz no mundo. Espero que se desenvencilhem sem mim.

— Acho que nos conseguimos arranjar — respondeu o Tyler.
— Prometo cuidar bem da Sloane.

— Pois — disse a Kat. — Não tenho nenhuma dúvida. — Piscou-me o olho e a seguir afastou-se.

Vi-a ser engolida pela multidão, grata por ter um momento para me recompor. Quando me virei para o Tyler, vi que ele não tinha aproveitado a mesma oportunidade. Ainda estava inteiramente concentrado em mim.

— Enfim, sós — disse ele.

Passei o peso de um pé para o outro; não gostava nada dos nervos que aquele homem me provocava. Eu era uma agente policial, bolas. Comia suspeitos ao pequeno-almoço e os meus dotes como polícia mau num interrogatório eram dignos de um Óscar. No entanto, nunca tinha trabalhado infiltrada e de repente senti um enorme respeito pelos meus colegas, que punham a máscara e guardavam os seus segredos a sete chaves.

Por outro lado, eu não era alheia a máscaras ou a segredos. Era capaz de fazer aquilo. E, como que para prová-lo a mim mesma, olhei-o através das pestanas, esperando que o efeito fosse tão *sexy* como eu imaginava.

— Devo ficar nervosa? Um homem como o senhor à minha procura?

— Um homem como eu? — A voz dele era baixa. Sedutora. — Que interessante. Então diga-me, como sou eu?

Aproximei-me dele, levantei a mão como se fosse tocar-lhe e, de seguida, baixei-a com uma expressão um pouco envergonhada.

— Tentador — declarei, e, embora a palavra fosse premeditada, também era certa.

— A sério? — Ele olhou para as minhas mãos de forma explícita. — E isso deixa-a nervosa?

— Isso? Não. — Inspirei enquanto pensava no meu passo seguinte e, como no xadrez, aonde me levaria esse passo. — Sou muito boa a resistir à tentação.

— Ai é? — Ele aproximou-se; a sua boca ficou tão perto do meu ouvido que senti a sua respiração no meu cabelo. — Eu não sou. No que me diz respeito, sucumbir à tentação é um dos poucos prazeres genuínos da vida.

Oh, meu Deus. Fui atravessada por uma espiral ardente de desejo, fazendo com que a minha pele aquecesse e os meus joelhos fraquejassem.

Se ele percebeu a minha reação, não disse nada. Mas começou a andar lentamente à minha volta, como se estivesse a admirar uma escultura num museu.

Comecei também a virar-me, seguindo os seus movimentos.

— Não — disse ele. O seu tom imperioso era inegável. — Fique quieta. Olhe para a frente.

Parei, hesitei e depois virei a cabeça para olhar para a festa, para as pessoas que se deslocavam com suavidade nos seus vestidos e fatos elegantes. Com sorrisos e gargalhadas e sem nenhuma preocupação que não fosse a qualidade do vinho e o ritmo da música ao vivo.

Disse a mim própria que a minha obediência fazia apenas parte do jogo; ele era um homem que queria deter o controlo; eu era a mulher que se rendia ao seu feitiço.

Mas era mais do que isso, e eu sabia perfeitamente. Aquela palpitância que eu sentia na barriga não era a emoção da caçada, mas a antecipação do seu toque.

Sim, o Tyler Sharp é perigoso.

Ele estava atrás de mim agora e, embora não pudesse vê-lo, sentia a sua presença como a firmeza e a suavidade de um beijo.

A minha respiração ficou presa no peito, e percebi que estava à espera do roçar dos seus dedos na minha nuca, depois da sua mão nas minhas costas nuas, expostas graças ao decote descido do meu vestido.

Mas o contacto nunca chegou... e a minha respiração continuou laboriosa.

Quando ele falou, fê-lo em voz baixa, como se pudesse quebrar o feitiço se a levantasse demasiado.

— É um enigma, menina...

— O'Dell — sussurrei.

Ele estava mesmo ali, mas eu não conseguia vê-lo. Podia apenas sentir o seu cheiro, fresco e amadeirado, como uma floresta após a chuva. Sensual, sedutor e inegavelmente masculino.

— Sloane O'Dell — disse ele. — Agrada-me.

— E a mim agrada-me a forma como o pronuncia. — Mantive a voz baixa e provocante.

— A sério? — perguntou ele quando terminou de me rodear. — Fico muito feliz por saber isso.

Olhei para ele, para aquele rosto perfeito, e senti os meus dedos tremerem com o desejo de lhe tocar, um desejo que aumentou porque percebi que era recíproco. O Tyler Sharp também me desejava. Talvez estivesse a provocar-me, a brincar comigo. Talvez tivesse um plano oculto. Eu não sabia. Mas eu era especialista em ver: em ver pessoas, ver provas, ver a verdade. E vi a verdade na forma como as pupilas do Tyler se dilataram. No leve rubor da sua pele. Na forma como o seu pulso latejava no pescoço com demasiada rapidez.

Sim, ele desejava-me. No entanto, era inegável que também estava a brincar comigo. Encontrávamo-nos imersos num jogo e, embora tivesse sido eu a começá-lo, não podia afirmar que conhecia inteiramente as regras.

Sentia-me à deriva e um pouco fora de controlo. Mas, ao mesmo tempo, sentia-me mais viva do que nunca.

Consegui recuperar a serenidade com algum esforço.

— Não me disse por que razão andava à minha procura.

— Não. Não disse.

Não pude evitar sorrir. Adeus, xadrez; aquilo era muito mais divertido.

— Será que devo adivinhar?

Em vez de responder, o Tyler limitou-se a esboçar um sorriso. Lento, espontâneo e cheio de promessas decadentes.

— Sloane — disse ele.

Apenas uma palavra. Apenas um nome. Mas era o meu nome, e parecia escorrer mel. Queria saboreá-lo. Provar o Tyler.

Fui percorrida por um arrepio. Senti calor na parte interna das coxas e os meus seios pressionaram o corpete do meu vestido. Havia anos que não reagia daquela forma a um homem. Talvez ele fosse perigoso, mas isso era uma das coisas que tornavam o meu trabalho tão emocionante; quanto mais perigosa a presa, maior a excitação.

O Tyler deu um passo em frente e eu dei um passo atrás, depois outro só porque queria ordenar as ideias. Percebi demasiado tarde que ele me tinha encurralado contra a coluna. Eu podia ter tentado fugir, mas não tinha para onde ir, muito menos quando o Tyler se aproximou e apoiou a palma da mão na coluna, um pouco acima do meu ombro. Estava ali, à minha frente, tão perto que eu podia sentir o ar carregar-se de tensão.

— Tyler. — A minha voz era baixa, quase um sussurro. — Não acho...

— Não — interrompeu ele. — Não pense. Espere. Feche os olhos.

Reprimi a vontade de protestar; afinal de contas, aquilo era o que eu queria. Aproximar-me do homem. Aquecer as coisas e ver até onde chegaríamos. Por muito que me sentisse descontrolada, tinha de me lembrar que aquele era o meu jogo, e embora ele pudesse marcar alguns pontos, era eu quem ditava as regras.

— Linda menina — disse ele quando deixei que os meus olhos se fechassem.

Concentrei-me em respirar, tentando ignorar a forma como os pelos nos meus braços se tinham eriçado, uma reação à eletricidade que naquele momento rodopiava nos poucos centímetros que ainda nos separavam. Ele envolveu o meu queixo com a mão livre e depois acariciou gentilmente o meu rosto com o polegar.

Vai beijar-me, pensei.

A minha mente estava num turbilhão, dividida entre a excitação e a surpresa. Ele era uma ferramenta, um suspeito, um criminoso. Ainda assim, eu desejava aquilo, e não porque a sedução fosse o meu objetivo final.

Desejava muito aquele homem. Raios, desejava-o com todas as minhas forças.

Senti o toque dos seus lábios na orelha enquanto ele falava. A sua voz era tão suave e sensual como o beijo que eu esperava, mas as suas palavras foram como uma bofetada.

— Você não devia estar aqui.

O sangue pareceu congelar nas minhas veias e fiquei imóvel como uma estátua.

Ele percebeu quem sou. Porra, como diabo me descobriu?

Mas não. O «como» não era importante. Agora tratava-se de negar tudo e minimizar os estragos.

Permiti-me um segundo para conter o meu medo. Deixei que a confusão matizasse a minha expressão, o que não foi difícil, dadas as circunstâncias, e abri os olhos. Ele recuara, e enfrentei o seu olhar com ousadia. Esperava ver fúria e desprezo no seu rosto. Em vez disso, vi ternura.

— Eu... — Fechei a boca e recompus-me. — O que quer dizer?

— Não devia estar aqui escondida. — Falou com simplicidade, aparentemente alheio ao meu embaraço. — Devia ser o centro das

atenções. Está a ver o arranjo floral? — perguntou, apontando para o impressionante arranjo de flores que dominava o centro do Palm Court. — Você destaca-se mil vezes mais.

Era uma frase pouco original, nada digna daquele homem. Pensei em dizê-lo, mas, tendo em conta que o meu objetivo era aproximar-me dele, insultá-lo não devia ser o meu passo seguinte. Para ser sincera, sentia-me tão nervosa que não sabia qual devia ser o meu passo seguinte. Só sabia que me tinha posto à defesa e tinha de parar com isso antes que ele reparasse.

Foi necessária alguma concentração, mas consegui esboçar um sorriso tímido.

— É muito querido — comentei. — E sinto-me muito lisonjeada.

O Tyler ficou em silêncio por um momento, mas vi o brilho inquisitivo dos seus olhos e a forma como inclinou ligeiramente a cabeça, como se estivesse a examinar algo curioso.

— Não — disse ele. — Não creio que se sinta lisonjeada.

— Desculpe? — Não consegui evitar que o meu mau génio se notasse na minha voz, mas era dirigido a mim, não a ele. Devia ter apostado na ousadia em vez da modéstia. Devia ter avançado e não recuado.

Fora um erro de cálculo. E eu não gostava de perder.

— Não me parece o tipo de mulher que precise de palavras bonitas ou de lisonja. Acho que prefere uma abordagem mais direta.

Mais uma vez, reduziu a distância entre nós. Mais uma vez, o ar carregou-se de um ardor crescente, desta vez alimentado pelo tipo de perigo que tinha a capacidade de explodir em chamas.

— É isso o que acha?

— É o que sei. É quem é. — Agarrou-me o pulso; o choque do seu contacto silenciou a minha mentira. — Diga-me por que razão me procurava, Sloane. Diga-me com franqueza.

Inspirei para ganhar tempo enquanto sopesava as minhas opções e considerava como combinar a verdade com as mentiras.

— Eu vi-o — respondi finalmente. — Na televisão, em revistas, em jornais. Parecia poderoso e um pouco enigmático.

— É sempre bom deixar a imprensa e o público em suspenso. Isso aumenta a mística.

— Ai sim? Bem, acho que funcionou. Tenho pensado em si, Tyler Sharp. Não me sai da cabeça. E decidi que iria aproximar-me de si. Tinha de saber se o homem de carne e osso era tão interessante em pessoa como nas minhas fantasias. — Olhei-o nos olhos, certificando-me de que podia ver o desejo nos meus. — Quis aproximar-me. Quis ver se era o tipo de homem que desejava na minha cama.

— E então?

— Agora já o conheci — respondi, enquanto soltava o braço. Porém, o meu sorriso era lento, espontâneo e provocante.

E, tendo lançado o anzol, afastei-me lentamente.

Consegui manter as costas direitas e imprimir um pequeno oscilar às minhas ancas enquanto cruzava o salão em direção à casa de banho das senhoras. Não tencionava virar-me para olhar, mas calculei que o Tyler me observasse, pelo que não podia hesitar. Não nessa altura. Não depois de correr o tipo de risco que acabava de correr.

No entanto, assim que atravessei a porta, corri para o cubículo mais próximo e tranquei-me lá dentro. Como tudo o mais no Hotel Drake, até a casa de banho era elegante, e o meu pequeno cubículo estava longe de ser como os demais. Em vez de conter apenas uma sanita, tinha um pequeno toucador de mármore, um lavatório e um banquinho estofado onde me deixei cair, aliviada. Encostei os ombros ao toucador, olhei para o meu reflexo e suspirei.

— Ou foi uma jogada brilhante ou uma loucura completa — disse eu em voz alta, mas a repariga no espelho não abriu a boca, e não a julguei por isso.

A sua pele sempre pálida parecia resplandecer, e o rubor fruto da excitação que tingia as suas faces realçava mais as sardas. A mata de cabelo ruivo ondulado, outro legado da sua herança irlandesa, tinha-se soltado do nó elaborado que fora seguro com

dois pauzinhos decorativos no alto da cabeça, e algumas madeixas emolduravam-lhe o rosto de forma muito coquete.

Tendo em conta que o resultado da operação ainda estava em aberto, parecia demasiado confiante, demasiado excitada. Como se estivesse a embarcar numa grande aventura.

— Idiota — disse à rapariga, a mim própria, enquanto olhava para o relógio, calculando quanto tempo devia esperar até voltar para o salão de baile.

Tinha lançado o desafio única e exclusivamente porque o Tyler era o tipo de homem que precisava de um, mas, se me ausentasse durante demasiado tempo, o meu plano poderia ir por água abaixo. Outra mulher poderia acabar nos braços do Tyler. Era possível que ele optasse por se resignar e ir-se embora, achando que eu exigia um esforço excessivo.

Certo. O isco fora lançado. Estava na hora de regressar ao jogo.

Saí à pressa do cubículo, abri a porta da casa de banho das senhoras e dirigi-me ao salão de baile. Percorri o espaço com o olhar, procurando o rosto do Tyler, mas não havia sinal dele.

Raios.

Sinceramente, devia ter adivinhado que ia ser assim. Afinal, nunca nada é tão fácil como devia ser.

Não gosto muito de festas. Nem de conversa de chacha. E a minha cálida e confortável coluna ficava ao fundo do salão. Ia na direção dela quando vi o Tyler no meio de um pequeno enxame de mulheres. Estremeci quando uma loira de peito gigante e com o tipo de decote capaz de provocar um acidente de viação começou a rir-se com gosto e pôs o braço em volta da cintura do Tyler, inclinando-se contra ele como se pudesse ser derrubada pela sua inteligência se não o fizesse.

O sorriso do Tyler aumentou, e ele disse qualquer coisa que não consegui ouvir. Todas as mulheres naquele círculo estavam cativadas

por ele e, para ser franca, admirava-me que a sala inteira não se virasse para o olhar, atraída pela sua serenidade e sorriso afável. Naquele momento, tive a certeza de que aquilo que o Kevin me tinha dito sobre golpes e fraudes era verdade; o Tyler tinha o ar, o encanto... tudo o que é necessário para seduzir, roubar e enganar enquanto a vítima lhe entregava de bom grado o que ele pedia. Não devia surpreender-me. Ele despojara-me da minha tranquilidade sem o menor esforço.

Enquanto eu observava, o Tyler inclinou a cabeça como se tivesse ouvido alguma coisa, e os seus olhos percorreram o salão de forma casual. Mas deixou de ser casual quando me encontraram. Na verdade, fez lembrar uma colisão, e cambaleei devido à força do impacto.

Ali estava eu, com as pernas trémulas mas incapaz de desviar o olhar. Os olhos, que apenas momentos antes mostravam um tom azul-turquesa, brilharam naquele instante com toda a intensidade; o seu olhar exibia uma chama violenta mais do que pronta a devorar-me.

Vi o seu corpo ficar rígido, os seus músculos tensos, como se ele fosse um animal selvagem prestes a saltar. A fome refletida no seu rosto era inconfundível, e o meu coração acelerou enquanto eu lutava contra a vontade súbita de fugir.

Vai, pensei tolamente. Não sabes que és tu a presa?

Talvez fosse, mas não conseguia desviar o olhar. Estava encurralada, paralisada por um simples olhar. E, naquele momento, soube que, se ele quisesse destruir-me, de bom grado me teria deixado aniquilar.

E então acabou.

Ele virou-se lentamente e sussurrou qualquer coisa ao ouvido da loira. Ela riu-se, um som estridente e áspero. Era uma sorte eu ter deixado a minha arma no porta-luvas, porque naquele momento

senti uma vontade louca de dar alguns tiros. Tive de recorrer a todo o meu autodomínio para não me aproximar furiosamente e ver se o meu melhor soco conseguiria rebentar aquela testa cheia de botox.

Porra!

Eu não devia estar tão chateada. Pelo contrário; estivera a tentar chateá-lo a ele.

Pelos vistos, saíra-me o tiro pela culatra.

Porra e mais porra!

Fazendo um grande esforço, consegui mover os pés. Como não me ocorria uma opção melhor, fui até ao bar, perguntando-me se um copo de vinho me ajudaria a pensar ou a acalmar o meu orgulho ferido. No entanto, fui distraída pelo homem alto e de cabelo grisalho que vinha na minha direção. Ele abriu a boca para dizer algo, mas eu abanei a cabeça e continuei a dirigir-me ao bar. Ele parou ao meu lado pouco depois de o empregado me ter servido um copo de *merlot* e pediu uma cerveja.

— Bela festa — comentou. — Conhece o noivo?

— Sim — respondi. — E você?

— Digamos que sim. — Estendeu-me a mão. — Sou o Tom Cray — apresentou-se, o que era desnecessário, já que eu conhecia o Tom desde sempre.

Ele trabalhara sob as ordens do meu pai na sede do FBI em Indianápolis antes de se mudar para Chicago. Eu tinha ligado para o escritório dele quando chegara à cidade dois dias antes, mas, aparentemente, ele tinha progredido na carreira e agora encontrava-se entre os tubarões de Washington.

— Sloane O'Dell — respondi, e vi o entendimento nos seus olhos.

Tínhamos estado em movimento enquanto conversávamos, afastando-nos com naturalidade do bar, do resto das pessoas e de ouvidos curiosos.

— Estás a trabalhar — observou ele.

As suas palavras recordaram-me que eu não fora a Chicago para que um homem me transformasse numa pilha de nervos. Estava ali para encontrar a Amy, e tinha de voltar a controlar as minhas hormonas.

— Não oficialmente. A amiga de uma das minhas informadoras desapareceu. Como estou de baixa, lembrei-me de ajudar.

— De baixa? — perguntou ele com solicitude paterna.

— Não há danos permanentes — declarei, levando a mão automaticamente à anca esquerda. — Levei um tiro, mas está a sarar bem. Dói-me um pouco ao fim de um longo dia, mas consigo aguentar.

Doía naquele momento, e as sandálias ridículas que tinha calçado para a festa não ajudavam nada. No entanto, não partilhei essas informações com o Tom.

— E o teu parceiro? Hernandez, certo?

— Não me lembrava de que o conhecias. O estupor deixou-me pendurada — respondi, embora com um sorriso de orelha a orelha.

— Reformou-se finalmente?

— A Meredith passou-se quanto levei o tiro — expliquei, referindo-me à mulher do meu parceiro. — Disse que eu era nova e que conseguia aguentar, mas, com a idade que tinha, ele ficaria na cama, incapacitado ou talvez até morresse se apanhasse uma daquelas bactérias assassinas que, segundo os jornais, infestam os hospitais. A Meredith preocupa-se com tudo e é hipocondríaca, o que não é aconselhável na mulher de um bófia. Mas ele estava pronto. Mudaram-se para o Wisconsin, para uma antiga casa vitoriana que a Meredith herdou há alguns anos. Ficaram com ela para a arrendar, mas acho que o Hernandez tenciona investir muito tempo em repará-la. — Encolhi os ombros. — Eu dava em louca, mas acho que ele está mais do que feliz com o plano.

— E quem ocupou o lugar dele?

— Ainda ninguém. O capitão diz que há de nomear alguém assim que eu tiver alta.

Apareceram algumas rugas nos cantos dos olhos dele.

— E vejo que estás a fazer tudo para descansar e recuperar. Revirei os olhos.

— Malditos médicos. Estou ótima, mas insistiram que eu tivesse mais dez dias de baixa. Então, estou a trabalhar não oficialmente.

O Tom olhou para a sala ornamentada.

— E achas que a rapariga desaparecida pode estar escondida entre vestidos elegantes e garrafas de champanhe?

— Infelizmente, não me está a facilitar a vida. Era dançarina exótica — acrescentei e, quando os olhos do Tom Cray se desviaram para o Evan Black, soube que ele percebera a ligação.

— Achas que os cavaleiros podem saber alguma coisa sobre o desaparecimento dela?

— Referes-te ao Black, ao Sharp e ao August? Sim, talvez. Eles ou alguém que trabalhe no Destiny. Pelo menos, é um ponto de partida. — Olhei para o Tyler, do outro lado da sala. — Chamaste-lhes cavaleiros?

O Tom enfiou uma mão no bolso.

— Pelo que entendi, foi o Howard Jahn quem lhes deu a alcunha e ficou. Sabes quem é o Jahn, certo?

— Claro.

Não era segredo que o falecido Howard Jahn, um dos empresários mais reverenciados de Chicago, tinha sido mentor do Tyler Sharp, do Cole August e do Evan Black.

Na verdade, essa relação era outra coisa que me fazia duvidar das suspeitas do Kevin em relação aos três homens. Ele tinha investigado e o Howard Jahn tinha um histórico impecável e deixara um legado impressionante, que incluía uma fundação de solidariedade social e

uma cátedra patrocinada na Faculdade de Gestão da Universidade de Northwestern. Se o Sharp, o August e o Black estavam tão sujeitos como dizia o Kevin, ter-se-ia o Jahn realmente associado a eles?

Eu não sabia. Mas pretendia descobrir.

— Então é por isso que estou aqui — disse eu ao Tom. — Qual é a tua história? Passa-se alguma coisa que eu deva saber?

— Estou aqui numa qualidade não oficial. Conheço o pai da Angelina, o senador, há anos, e via-a bastantes vezes quando ela andava com o Kevin. Também conheço o noivo. Conheci-o há uns meses, através de uma equipa de trabalho.

— Espera, volta atrás. Estás a falar do Kevin Warner? Ele andou com a Angelina? Porque não está aqui?

— Não foi uma separação amigável. Acho que a Angelina não gostou de ele ter tentado prender o noivo por violar a Lei Mann.

— Imagino que não tenha gostado — respondi, enquanto a fúria crescia dentro de mim. Esforcei-me por manter uma expressão serena e um tom casual. — Tenho uma pergunta para te fazer... Talvez não possas dizer-me muito, mas até que ponto achas que eles os três estão sujeitos? Sei que lhes concederam imunidade para as violações da Lei Mann quando essa operação foi para o galheiro, mas...

— A minha teoria? Geralmente sou daqueles que acreditam que onde há fumo há fogo — disse ele, ecoando os meus pensamentos sobre a culpa e os acordos de imunidade. — Mas há uma coisa que me suscita dúvidas sobre os três: o senador Raine.

— O que queres dizer?

— Foi ele quem supervisionou a equipa da Lei Mann, de modo que imagino que saiba mais do que ninguém sobre estes homens, pelo menos quanto às alegações de tráfico. Penso que ele deve achar que estão limpos. Caso contrário — acrescentou, indicando a Angelina com a cabeça —, duvido que este casamento tivesse ido para a frente.

Ele tinha razão.

— O Kevin parece convencido de que eles estão metidos em todos os tipos de merdas.

O Tom franziu os lábios.

— Talvez o Kevin tenha os seus próprios interesses — comentou ele. — De qualquer forma, acho que é justo pensar que esses tipos podem ter jogado no lado escuro uma ou duas vezes. Mas eu não te disse nada.

— Não me disseste o quê? — perguntei inocentemente, enquanto tentava pôr ordem nos meus pensamentos. Não sabia qual era o plano oculto do Kevin, mas estava certa de que tinha um, e não tencionava deixar que me usasse.

— Vou cumprimentar a noiva — disse o Tom. — Só estou hoje na cidade, mas, se precisares de alguma coisa, por favor, liga para o meu escritório em Washington.

— Obrigada — respondi, embora deva admitir que estava um pouco distraída. Pela súbita explosão de fúria contra o Kevin e pela minha incapacidade de aproveitar o desejo que tinha visto arder nos olhos do Tyler.

O que queria fazer era afastar a loira burra para o lado e tomar o lugar dela ao lado do Tyler. Mas, mesmo que conseguisse isso sem ficar com o rosto arranhado numa luta de gatos, esse não era o caminho que eu queria seguir. Naquele momento, tinha o controlo. Se sucumbisse ao desejo e fosse ter com ele, perderia essa vantagem.

Não, queria que ele viesse ter comigo. Só que não sabia como seduzi-lo para que o fizesse.

Então ocorreu-me.

— Tom! — exclamei. — Sr. Cray! — Ele só se tinha afastado alguns passos e virou-se, franzindo a testa com uma expressão interrogadora. — Já que falas nisso, sim, há uma coisa que podes fazer por mim agora.

Vai beijar-me, pensei.

A minha mente estava num turbilhão, dividida entre a excitação e a surpresa. Ele era uma ferramenta, um suspeito, um criminoso. Ainda assim, eu desejava aquilo. Desejava muito aquele homem. Raios, desejava-o com todas as minhas forças.

Sloane Watson é uma brilhante agente policial e está decidida a encontrar a sua amiga Amy, misteriosamente desaparecida. Para chegar à verdade, Sloane tem um plano aparentemente inabalável: seduzir o poderoso Tyler Sharp, dono do Destiny, o requintado e exótico clube onde Amy trabalhava como bailarina, e onde foi vista pela última vez.

No entanto, no momento em que Sloane e Tyler cruzam os olhares, a atração entre ambos torna-se inebriante. Aquilo que deveria ser uma investigação policial dá lugar a um escaldante e perigoso jogo de sedução, no qual nenhum dos dois alguma vez pensou entrar. Mas será que ainda é possível voltar atrás e mudar as regras?

Leia os outros sensuais títulos da autora:



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SELER**

os livros em primeiro lugar

20.06.2014

ISBN 978-989-8800-61-9



9 789898 800619

Ficção Erótica